



RETRATOS DA SEXUALIDADE DE *DORIAN GRAY*: UMA REVISÃO TEÓ- RICA

Autor: Michael Moreira Viana

(Universidade Estadual Da Paraíba michaelviana2010@hotmail.com)

Orientador. Me: Auricélio Soares Fernandes

(Universidade Estadual Da Paraíba/Universidade Federal da Paraíba metallicauricelio@hotmail.com)

RESUMO: Ao descrever sobre, homossexualismo presente no séc. XVIII com base na obra de *Oscar Wilde* indagamos conceitos presente na sociedade vitoriana aos dias atuais, sobre homens eloquentes. O Retrato de Dorian Gray convida o leitor a ter uma análise crítica em suas respectivas ações sexuais analisando o discurso sobre o erotismo e a criação anatômica de cada sexo, ao mesmo que o masculino e o feminino tenham o mesmo censo de cultura. Embora, os conflitos pela identidade de gênero os artigos trazem uma continuidade de reflexões de presença histórica com base da *Queer Theory* em um discurso que engloba toda formulação trágica ao homossexualismo no séc. XVIII. Portanto, todo desenvolvimento da era vitoriana implica uma utilização de sexualidade, com alguma forma de militância em perspectivas de trazer um envoltório de possibilidade humana.

Palavras – Chave: Homossexualismo, Homoerotismo, Diferença de Gênero.

INTRODUÇÃO:

Ao adentrarmos nos fragmentos da sociedade preconceituosa e ignorante. Na era vitoriana iremos percorrer um quadro angular em discussão de atos discriminatório presente.

Portanto, o sistema patriarcal nos homens mostram condicionalmente estrutura social de superioridade em submissão da mulher (KERSTEN. 2014). Nesta narração *O Retrato De Dorian Gray* tras uma discussão sobre o “homossexualismo, o homoerotismo, e à afeminidade,” assim tras aspecto relutante na sociedade, minorias em oposto prestígio

social marcado e subjulgado na sociedade eloquente.

Ademais as relações presentes de Basil tras um aparente de dor e amor pela sua arte (ALLEY, 2009). Assim, era exposto um eixo de discussão em temas como “homossexualismo e homoerotismo” uma possibilidade de interpelação em modelo teórico em sujeitos fortemente ignorado pela sociedade vitoriana.



1.1 GÊNERO E SEXUALIDADE EM O RETRATO DE DORIAN GRAY

Kersten (2004) afirma que na Era Victoriana a mulher tinha o mero objetivo de servir ao homem como seu objeto de prática sexual e sua sexualidade como ser natural e social não podia ser questionada, assim, havia um certo código de conduta moral que era mantido entre as mulheres, numa linha de igualdade e luta perante a nação masculina. A esfera social da época contribuía para o pensamento de que as mulheres eram vistas simplesmente como um fetiche sexual de grandes frequentadores de bares, teatros e outros locais públicos considerados com 'imorais' etc. Dessa forma, no período vitoriano, havia certa autodisciplina com relações às mulheres que eram consideradas feministas, uma vez que a idealização da mulher perfeita, a chamada "angel of the house"¹, de certa forma impedia

¹ A imagem popular Victoriana da esposa / mulher ideal veio a ser "o anjo na casa"; ela era esperada para ser dedicada e submissa ao marido. Ela era passiva e impotente, humilde, charmosa, graciosa, simpática, piedosa, e acima de tudo - pura. A frase "Angel in the House" vem do título de um poema imensamente popular por Coventry Patmore, na qual ele detém o seu anjo-mulher como um modelo para todas as mulheres. Mais tarde, no século XX, esse modelo feminino foi altamente criticado pelas feministas como Virginia Woolf, em seu famoso ensaio "Um Teto todo seu" (1928).

Fonte:

http://academic.brooklyn.cuny.edu/english/melani/novel_19c/thackeray/angel.html. Acessado em 30 de abril de 2016.

a liberação do pensamento feminista. E mesmo os homens que não seguiam as linhas gerais do pensamento vitoriano de moral, família e sexualidade e se adequar ao conceito de masculinidade vitoriano, eram definidos como homossexuais. "Enquanto a sexualidade das mulheres era negada e suas únicas paixões estavam ligadas ao instinto maternal, os homens estavam cheios de desejo sexual (KERSTEN, 2014, p.12).

Talvez, esse preceito não seja tão elevado como era visto pelas mulheres, cujos corpos eram vistos como forma triunfal de desejo carnal e tão idealizado sexualmente que muitas vezes perdia sua moral perante a sociedade vitoriana.

As mulheres são um sexo decorativo. Elas nunca têm nada a dizer, mas dizem de maneira encantadora. As mulheres representam um triunfo sobre a mente assim como os homens representam o triunfo do espírito sobre a moral (KERSTEN, 2014, p.13).²

Se levarmos essa discussão inicial para nosso objeto de pesquisa, *O Retrato de Dorian Gray*, percebemos que o personagem Dorian Gray, foco de nossa análise, é retratado por Wilde com traços 'encantadoramente' femininos e masculinos, numa descrição andrógina, fato criticado pela sociedade da época.



ca (KERSTEN, 2014, p.14), uma vez que tal descrição e idealização masculina da perfeição, para Wilde, ia de oposição à masculinidade perfeita ou ao perfeito *Victorian British man*.

A descrição artística de Dorian Gray sistematiza o personagem como epítome de sua moralidade, e apesar de Wilde não o ter retratado de maneira tão clara no seu romance, sabemos que sua sexualidade, através de sua jornada de autoconhecimento, se manteve mais no prazer e desejo carnal, não definida a qualquer sexo, quando o mesmo desfrutava das mais belas proezas que o cercavam, sem persuadir sua visão explícita de sua máscara de homem andrógino.

A publicação do romance de Wilde deu-se no período tardio da Era Vitoriana, tempo histórico do qual chamamos de decadência, época que se torna o ápice de discussões relativas à sexualidade e em especial o homossexualismo, devido ao fato do protagonista do romance apresentar traços afeminados e mostrar o quão é importante para sociedade vitoriana sua efêmera segregação humana, indo contra os códigos morais estabelecidos nas décadas finais no século XIX.

1.2. DORIAN GRAY E TEORIA QUEER

Os estudos literários da teoria *Queer* abordam outras teorias que permeiam os termos gay, lésbica e feminismo dos anos 60,

termo que tenta igualar as mulheres aos homens que têm poder e voz existente na sociedade. Assim, “identidade de gênero não é menos uma construção da cultura patriarcal a ideia que os homens sejam, de alguma forma, superiores às mulheres; ambas nascem ao mesmo tempo e ao mesmo golpe da caneta.” (SILVA, 2014, p.3).

A teoria *Queer* aprofunda suas pesquisas sobre o sexo e como ele está presente entre as mulheres e homens, além de discutir também por qual motivo a prática sexual torna-se diferente para os outros povos e culturas. Foucault (2002) comenta acerca dos conceitos de sexo e sexualidade: “o discurso da sexualidade não se aplicou inicialmente ao sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres, às relações de aliança, às relações interindividuais etc.” (p. 81).

Discutindo acerca disso, vemos que em *O.R.D.G*³, o artista Brasil HallWard é retratado por Wilde como um ser oprimido, sem direito de voz e diferente do feminismo, que lutava pelos direitos iguais, o homossexualismo era mantido com repúdio no período da era vitoriana, além de ser considerado como crime de conduta moral, a exemplo da Emenda Labouchère⁴, criada no intuito de para combater os costumes imorais dos ingleses.

³Por vezes, também utilizaremos essa abreviação para se referir ao romance *O Retrato de Dorian Gray*, devido à extensão do título do mesmo.

⁴O ato da Lei Criminal de 1885, mais conhecido como a Emenda Labouchère, foi usado para enviar Oscar



Dessa maneira, ao adotar uma postura aparentemente aceitável para a sociedade vitoriana, o indivíduo podia viver suas aventuras em segredo, ou seja, o velho esquema da vida dentro do “armário”, como é descrita entre os gays e lésbicas nos dias atuais. ” (SILVA, 2014, p.5)

Esse paralelo sexual nos dias de hoje não é tão diferente da era vitoriana. Percebe-se que todo comportamento sexual do mesmo sexo é tido como rejeição da sociedade. A teoria *queer* debate dois pontos importantes da sexualidade: a evolução do feminismo pelos seus direitos e os homossexuais.

1.3. O ARTISTA GRAY

Wilde representa o homossexualismo principalmente através do personagem Basil, um ser misógino pelo seu discurso de personalidade. Para Basil há uma certa contemplação na imagem com seu objeto de amor, Dorian, ‘sua arte.’ Assim, como Basil, há entre outros filósofos e artistas a renomeação de sentimento e dor em sua alma, mostrando em suas pinturas, a exemplo de Michelangelo, o elo que divide o amor e a arte. Na pintura de Basil, o amor por Dorian Gray é eterizado em

Wilde para a prisão em 1895 por “cometer atos de indecência com homens”. A corte inglesa resumia, entre outras palavras, como crime moral e de atentado ao pudor, a prática de atos homossexuais (ou sodomia).
Fonte: <http://www.bl.uk/collection-items/the-criminal-law-amendment-act-1885#sthash.IM1yBETi.dpuf>
Acesso em 23/04/2016.

seu súdito de beleza. “O retrato restaurado serve como uma comemorativa de que a iniciação bem com o lembrete trágico de sua deficiência final como um agente cheio de seu próprio potencial aventureiro. ” (ALLEY, 2009, p.7)

O lado trágico de Basil apresenta-se na ocultação de sua sexualidade, exposta sem medo num período tão patriarcal e preconceituoso como a era vitoriana. Tal acepção de Wilde até hoje tem sido discutida e comparada à vida do próprio autor, que foi ao declínio no auge de sua carreira magistral em Londres, em 1895, por ter sido acusado de ter mantido relações sexuais com outros homens. Wilde morreu em pleno auge, em 1900, ao completar 46 anos e sua queda, devido ao simples fato de sua sexualidade, tem servido de ponto de partida para próxima geração de luta e conquista. O herói ou anti-herói, da obra máxima de Wilde celebra a vida em todas as oportunidades e circunstâncias, vive sem medo do julgamento moral que posteriormente, na vida real, viria a ser o responsável, pela decadência do artista às vezes confundido com personagem do seu romance, Oscar Wilde.

1.4. CÓDIGOS HOMOERÓTICOS EM O RETRATO DE DORIAN GRAY

Ao considerar a obra *O.R.D.G* como uma toda, podemos afirmar que os persona-



gens Dorian e Basil desempenham uma relação homoerótica, mas Wilde a descreve implicitamente. Nesse contexto, Basil tenta esculpir sua obra como símbolo de perfeição, marca da filosofia helenista que Wilde tanto cultuava. No período helenístico, as esculturas gregas apresentavam homens com corpos nus e serviam de referência como liberdade para se trabalhar o ideal crítico na sua forma mais perfeita de beleza estética.

Ademais, na era vitoriana, o homoe-rotismo era repudiado socialmente e seus praticantes o encaravam com medo, perante o código moral. O sexo estava presente entre homens e garotos, mas acontecia pela necessidade de expurgar a tensão física e psicológica (MURIQI, 2007). “[...] O sexo era em grande parte dessa interação entre homens e garotos pela necessidade de tensão [física], pelo o fato de que na antiga Grécia os meninos eram desejáveis por serem jovens e bonitos” (MURIQI, 2007, p.8). Assim, por mais que o belo esteja presente na obra para Wilde, o ideal supremo de beleza era tratado como um tom sexualidade sempre relacionada à juventude.

A relação homoerótica dos três personagens torna-se aparente pelo fato de Lorde Henry ser o grande mentor e mesmo um manipulador que incita Dorian a seguir um mundo de perdição, hedonismo e decadência, e Basil, um grande admirador e apaixonado por

Dorian. Embora no romance entendamos que Basil e Dorian desempenhem uma relação homoerótica, pouco sabemos sobre Dorian Gray, que vivia e tinha que permanecer em sigilo para não se opor aos preceitos morais da sociedade vitoriana. Ora, tal termo era para gays era uma prática indesejável, ou seja, sinônimo de vergonha por maneiras ilegíveis de amar. Ademais, aprendendo a amar em segredo, Basil carrega por sua alma o seu sentimento por Dorian, mas posteriormente conclui que Dorian é apenas o simples motivo da realização de sua arte e que sua beleza é efêmera, porém insubstituível.

Posteriormente, ao descrever o estúdio de Basil, lugar da concepção de sua arte, Wilde (2013), o caracteriza com elementos reconhecidamente como ‘femininos’, ao considerarmos o padrão de masculinidade na era vitoriana.

O estúdio estava impregnado do rico aroma das rosas e, quando a aragem de verão agitava de leve as árvores no jardim, pela porta aberta entrava densa fragrância de lilases, ou o perfume mais delicado de espinheiro de flores rosadas. (WILDE, 2013, p.73).⁵

Wilde descreve o estúdio de Basil com características femininas e dando ênfase ao seu aroma andrógino, aborda o esteticismo de maneira metafórica como uma bela rosa em um jardim. O feminino no romance de



Wilde consegue mesclar o homossexualismo⁶ e homoerotismo⁷, porém são os códigos linguísticos que Wilde usa para representar o personagem Dorian Gray com características efeminadas.

1.5. BEYOND AND CLOSET: COMO O HOMOSSEXUAL TORNOU-SE UMA ESPÉCIE

Davies J. (2010) aponta que o homossexual era visto como espécie de seres hipócritas, pois muitos permaneciam em sua vida secreta ou dupla. Porém, para *Foucault* sexo era visto como alimentação de desejo em seu momento de práticas sexuais, um estudo para os cientistas com definição da sexualidade do ser humano (2005).

⁶ Homossexualismo: A orientação homossexual é um dos quatro componentes da sexualidade humana. Caracteriza-se como uma duradoura atração emocional, romântica, sexual ou afetiva para com indivíduos do mesmo gênero. Os outros três componentes da sexualidade são o sexo biológico, a identidade de gênero (o sentido psicológico de ser macho ou fêmea) e o papel sexual-social (adesão às normas culturais de comportamento masculino ou feminino). Fonte: *Orientação Sexual e Homossexualidade*. (Texto original em inglês: S.J. Blommer, PFLAG/Denver). American Psychological Association. Adaptação: Marcelo Cerqueira. Disponível no site: <http://www.ggb.org.br/orienta-homossexual.html>. Acessado em 30/04/2015.

⁷ Homoerotismo: Mesmo em momentos de censura e restrição, o relacionamento sexual e amoroso entre pessoas do mesmo sexo sempre foi contemplado pela arte da palavra e na literatura. Fonte: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/sendas-do-homoerotismo/>. Acessado em 30/04/2016.

A obra de Wilde permanece em sua vida como uma condução do romance em expor e sentir que a sexualidade humana havia sido uma narrativa de romance com categorias de identidades homossexuais representadas artisticamente.

Os estudos pela decadência das espécies mostram o quão o indivíduo estava sujeito pela sua decisão em que ao menos definissem e intervissem o fato histórico em sua cultura que a doença homossexual era uma definição ou uma complicada mobilização por condições de prisões e mortes em definições científicas do processo de desumanização entre os gays 'algo religioso'.

A obra de *Wilde* era tida como sexual no sentido em que aponta os estudos dos gays como espécies, como chave para diferentes pontos do ser humano com preservação de si mesma.

Não existe uma diferença privilegiada que emerge uma adaptação por espécies. O indivíduo é a chave para o progresso, somente as diferenças individuais estão adaptadas para "o tipo genérico", mas permiti existir a subordinada doutrina social (DAVIES, 2010, p. 28)

Ademais, o autor faz uma comparação do trabalho do escritor com o do fisiologista:

Nosso campo é o mesmo que o fisiologista. Operamos, como ele, sobre o homem. A relação analógica que foi implantada ante-



riormente para produzir mesmice e subtilidade, trabalha aqui para produzir uma diferença, como o campo do romancista é maior. (DAVIES, 2010, P.33)

A vitalidade presente na obra de Wilde e as percepções da uniformidade humana em aproximar o real do surreal através da originalidade humana utilizam-se de objetos e pinturas no rosto, classificando Dorian com um ser capaz de transcrever seu caráter puro através da arte, embora a mesma não esteja presente ao olhar natural da sociedade moralista. A imagem do retrato de Dorian pode ser encarada uma associação entre duas pessoas capazes de perceber o benefício mútuo de Dorian por sua juventude e desejo.

1.6. ESTETICISMO, HOMOEROTISMO E CULPA CRISTÃ NO RETRATO DE DORIAN GRAY: UMA CRÍTICA DARWINIANA

O advento do cristianismo ao homoeerotismo na obra de Oscar Wilde teve um espectro sobre a natureza humana, um envolvimento de epistemologia com o comportamento do indivíduo na era vitoriana, além de representações e caracterizações do gay através de obras e relatos filosóficos sobre a linguagem e código do conceito humano o implícito ao naturalista. Oscar Wilde nos mostra que o comportamento de Dorian tem fundamento

humano e mistura aspectos do erotismo e sarcasmo casuais para discutir a natureza humana, fato que até então permanecia sem argumento, sem defesa, sem voz, sem liberdade:

Esse conjunto de características é o que na linguagem comum se entende por "natureza humana". A literatura sempre nos deu descrições subjetivamente evocativas da natureza humana e da ciência social. (CARROLL, 2005, p.1)

A pintura de Dorian captura a beleza proposta e codificada com a simbiose em seu dialeto de juventude, enquanto o personagem continua buscando a depravação mundana no seu comportamento que reflete em sua ideia de natureza e ainda expõe um fundamento entre si, mesmo divergindo da noção de moral/imoral. Dorian Gray tem um lado predatório que sucumbe cada vez o seu prazer carnal, como os termos morais do cristianismo, na qual a filosofia que Dorian tinha para si, o fez se transformar era um monstro em seus pensamentos e ações, ou seja, um ser superficial que tinha medo de viver.

As pessoas que amam apenas uma vez em suas vidas são realmente as pessoas superficiais. O que eles chamam a sua lealdade e sua fidelidade, eu chamar a letargia de costume ou a sua falta de imaginação. A fidelidade é para a vida emocional que a consistência é a vida do intelecto-importará confissão de fracasso. (CARROLL, 2005, p.8)



Para Lorde Henry a sensibilidade em Dorian o preocupava, principalmente diante de seu aspecto dominante de beleza. Por outro lado, a trama que se passa entre Basil e Dorian é vista como parte da consciência da vida que o pintor apaixonado programava para Dorian, mas a obra traz sinceridade entre personagens, em que o artista Basil articula a moral na arte, enquanto o próprio Dorian articula a angústia da própria identidade.

1.7. O GÓTICO QUEER

A narrativa gótica presente em *O.R.D.G.* parte do protagonista Dorian, visto como herói normativo e que representa papéis diferentes de seu próprio ego; um herói que tem total estranheza em sua alma, além de um lado mais obscuro, no qual percebemos a moralidade de uma identidade homossexual julgada como ser eloquente.

Apesar da crença de Wilde que a arte não deve intervir na sociedade, mas ser apenas um objeto estético, a novela entra no discurso do heroísmo como tal, Dorian Gray cria uma nova categoria de herói: o herói gótico estranho, uma figura que se expande a compreensão de heroísmo e o caráter heroico (ETHRIDGE, 2014, p.8).

Dorian viaja no mundo em que ele mesmo escolhe para viver. O gótico na obra tenta persuadir os seus leitores de uma forma

cognitiva e ideológica entre os personagens, mas Dorian é um anti-herói solitário, porém sua grandeza e dignidade jazem no fracasso do seu heroísmo, um indivíduo que tem o desejo em busca da sua realização como ser, mas sua dor é imersa pelo cinismo teatral, pelo seu misticismo barato e em busca de novas sensações e prazeres, sua alma adocece.

Dorian está preso pelo seu próprio manifesto de escolha em seus pecados sórdidos. Porém, o gótico, nesse sentido, pode ser entendido como mediador do personagem Gray e sua relação com a caça noturna em seu lado obscuro, mas ele tem reflexo de sua própria decadência moral.

Como a jornada de herói de muitas maneiras, Dorian Gray está em conversação com a narrativa do herói. Embora algumas estejam de acordo com a jornada normativa de Joseph Campbell, muito do que totalmente subverte a tradicional jornada. Campbell quebra a categoria maior de partida em cinco unidades discretas, mas estou preocupado com três delas desde a forma em que Dorian Gray está mais propício para a jornada do herói normativo ao focar o chamado da aventura, o mentor, e o limiar guardião (ETHRIDGE, 2014, p.23).

Através do suicídio de Sybil, Dorian percebe que a solidão é o seu refúgio de veneração da decadência de seu personagem heroico, mas sua inocência e ingenuidade diante



de Lorde Henry torna-se perceptível e ao mesmo tempo que ele concentra a sua juventude imortal, inverte sua imaturidade pelos seus casos cometidos. De fato, torna-se lastimável a percepção de Dorian em sobre da perda de sua amada, pois para ele o seu maior desafio está no fato em que o gótico, a negação da positividade, nega-lhe a oportunidade de heroísmo:

Num primeiro momento, ele resolve que vai melhorar a si mesmo e parar de pecar, renunciando assim a sua imoralidade. No entanto, ele se pergunta se essa decisão é motivada pelo orgulho, vaidade, ou curiosidade sobre uma nova sensação. Ele diz: "Sim, [o retrato] tinha sido consciência. Ele iria destruí-lo ". Em um esforço para livrar-se de essas dúvidas, Dorian destrói a pintura e morre inesperadamente como resultado (ETHRIDGE, 2014, p.34).

Embora o gótico promova uma leitura entre o colapso do personagem na era vitoriana é o grande fracasso da conduta imoral de Dorian em que a estrutura da sociedade era informar a heteronormatividade entre eles, mas o suicídio é expresso da fraqueza de um personagem (Dorian) uma regra que de muitas vezes é cruel e tenebrosa pela sociedade vitoriana.

REFERÊNCIAS:

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Até esse momento, as fontes teóricas iniciais de nossa pesquisa têm abordado O.R.D.G., de Wilde, a partir de uma análise mais voltada à sexualidade e aos conflitos homoeróticos implícitos/explicitos na obra, a exemplo de Kersten (2014), diz que a mulher tinha o mero objetivo de servir aos seus desejos entre uma liberação de pensamento sexual.

Por outro lado, Silva (2014) diz que a teoria *queer* tem o seu aprofundamento sobre o sexo em suas relações de prazeres sexuais entre os seres do mesmo sexo, todavia uma construção igualitária em busca de seus preceitos na sociedade vitoriana, ao mesmo passo que Alley (2009) constrói que o homossexualismo tem sua sensibilidade e sentimento em renomeação de sua criação artística. Embora, Ethridge (2014) mostra uma narrativa o gótico queer presente na obra de *Wilde* em retratar um protagonista com sua própria construção ideológica (Dorian).

Esperamos que as contribuições utilizadas nesse estudo inicial nos permitam adentrar futuramente numa análise mais crítica da obra, voltada à questão de gênero, algo essencial para o nosso conhecimento na sociedade contemporânea.

ALLEY, M. Henry. **The Gray Artist as Tragic Hero in The Picture of Dorian Gray**. *Comparative na Culture*, Volume 11. Article 4, 2009, p.10.



XII CONAGES

libr.uco.br/brun/osi/viesesartigos.cgi?artid=1140&context=clweb
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CARROL, Joseph. **Aestheticism, Homoeroticism and Thristian wilt in The Picture of Dorian Gray**, Philosphy and Literature, 2005, p.19 (Article).

DAVIES, Jessica Leigh. **Life Expectancies: Late Victorian Literatura and The Biopolitic of Empire**. Electronic thesis and Dissertations, 2010, pp. 17-54, (Article).

<http://escholarship.org/uc/item/4q9637xg#page-52>

ETHRIDGE, Kyle Leon. **The Queer Hothic Hero's Journey in Oscar Wilde's The Picture of Dorian Gray**, Master's Theses, 2014, pp. 6-40 (Article).

http://aquila.usm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1041&context=masters_theses

FOUCAULT, Michel. **Conceitos Essenciais/** Judith Revel, Tradução: Carlos Piovesan Filho, Nilton Milanez e Maria do Rosário Gregolin, **Sexualidade**, São Carlos – SP, Claraluz, 2005. 96p

KERSTEN, Anouka. **Gender and Sexuality in The Picture of Dorian Gray and Dorian Gray**. BA Thesis English Language and Culture, 2014, p.34 (Article).

<http://thesestest.ubn.ru.nl/bitstream/handle/123456789/809/Kersten%204131835.pdf?sequence=2>

MURIQI, Luljeta. **Homoerotic Codes in The Picture of Dorian Gray**. Literary Seminar Spring, 2007, pp. 3-21 (Article).

<http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=download-File&recordOid=1366551&fileOid=1366552>

SILVA, Francinaldo Freire da. **A Queer Theory Implemented Reading of Oscar Wilde's The Picture of Dorian Gray** [manuscrito], Trabalho Conclusão de Curso - Tcc, Campina Grande –PB, 2014, p.26

<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9109/1/PDF%20-%20Francinaldo%20Freire%20da%20Silva.pdf>

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**, Tradução: Jorio Dauster, São Paulo : Globo – Ed. Anotada e não censurada, 2013, p.352.